



## GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,  
Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

### **‘Esse work tu não encontra em nenhum lugar aqui’: Objetos de arte africana à caminho do sul do Brasil.**

**Autoria:** Cristiano Sobroza Monteiro

Esse work trata de compreender as dinâmicas de troca e circulação de objetos de arte comercializados por imigrantes senegaleses na Feira ‘Sem Fronteiras’ na cidade de Caixas do Sul-RS. Erigida, historicamente, sob desígnios étnicos da italianidade, a cidade passou a receber, desde meados de 2008, milhares de imigrantes senegaleses em busca de work nas indústrias locais. Se, inicialmente, o setor de frigoríficos, representou a porta de entrada dos imigrantes no saturado mercado de work local, foi através da prática de venda na rua que grande parte deles, viabilizou a sua sobrevivência na cidade. Ao mesmo tempo em que, os ganhos através do comércio de rua permitiam a permanência e sustento de si e dos seus, o poder público municipal, passou a ver, com ‘maus olhos’ aqueles estrangeiros que, posicionados em esquinas e debaixo das marquises dos prédios históricos, comercializavam relógios, meias e panos de prato. Com a intensificação dos deslocamentos de senegaleses para a cidade, a partir de 2013, novas configurações de troca e consumo incorporaram-se à vida social e comercial do centro da cidade. Além dos objetos ditos ‘ilegais’, artefatos de arte, como esculturas em madeira, máscaras, tecidos, colares e anéis, passaram a ser comercializados por vendedores de arte africana na praça principal. Em 2018, a Feira ‘Sem Fronteiras’, surgiu da intenção do poder público municipal de Caxias do Sul, de solucionar o ‘problema’ da informalidade na região central, ao propor o deslocamento desses vendedores de rua, para um espaço comum, onde seria admitido que, em dias e horários específicos, eles pudessem comercializar. A partir de minha aproximação a um artista plástico e dois vendedores de arte senegaleses, proponho, a refletir, utilizando-me para isso, de uma abordagem etnográfica, sobre os significados, estratégias e disputas imbuídas na atividade de ‘vender na rua’, bem como, traçar as rotas e os caminhos transnacionais por onde transitam, pessoas, objetos e sentidos. Dos mercados de arte no Senegal, passando pelas ruas de Caxias do Sul, até alcançar o espaço da Feira ‘Sem Fronteira’, esses ‘objetos negros mercantilizados’ (Sansone, 2000) revelam hierarquias comerciais, jogos de poder, (in)visibilidade e distinção, além de políticas de identidade e formas de inserção dos imigrantes na cidade.

## DIREITOS HUMANOS E ANTROPOLOGIA EM AÇÃO



31ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia  
9 a 12 de dezembro de 2018

Brasília - DF [www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RBA](http://www.portal.abant.org.br/evento/rba/31RBA)

ISBN: 978-85-87942-61-6



## Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

**Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA**  
**Diretoria da ABA 2017/2018**  
**Comissão Organizadora da 31ª RBA**

**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

